



Anais do XII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico
Conhecimento em Psicologia no Brasil: expansão e avaliação

Organizadores

José Q. Pinheiro

Fabíola S. Albuquerque

Natal, RN – 25 a 28 de maio de 2008

GT-2

A Psicologia Social e sua complexidade teórica e metodológica: abordagens integrativas

Coordenação: Leôncio Camino

Participantes

Ana Lúcia Galinkin (UnB)
Ana Raquel Rosas Torres (UCG)
Antônio Marcos Chaves (UFBA)
Cícero Pereira (UCG)
Dalila Xavier de França (UFS)
Eliana C. Ismael (UFPE)
Helmuth Krüger (UCP/UERJ)
Leôncio Camino (UFPB)
Luis Antonio Monteiro Campos (UNESA)
Marcos Emanuel Pereira (UFBA)
Marcus Eugênio O. Lima (UFS)
Pedro de Oliveira Filho (UFPE)
Raimundo Gouveia (Fac. Integradas de Patos)
Roberto Mendoza (UFPB)
Solange Epelboim (UNESA/UCP)

Histórico do grupo

Os historiadores costumam afirmar que a única maneira de entendermos o presente e planejarmos o futuro é conhecendo o passado. No entanto, conhecer o passado não é uma tarefa fácil, principalmente quando falamos da Psicologia e, em especial, da Psicologia Social. Entre as dificuldades envolvidas nessa tarefa podemos citar, por exemplo, aquelas ligadas à sua fundação. Dependendo da perspectiva adotada, ela pode ser atribuída a Émile Durkheim, a Wilhem Wundt, a Floyd Allport, a William McDougall, a Edward Ross, só para citar alguns psicólogos sociais amplamente reconhecidos. Embora cada um deles tenha se dedicado ao estudo do comportamento social, cada um deles o fez à sua maneira. Um olhar mais apurado a respeito desse aspecto demonstrará que no cerne deste problema encontra-se a questão do tipo de explicação mais adequado ao comportamento humano. De forma resumida, podemos dizer que esse debate tem tomado a forma de dualismos, como por exemplo, subjetividade-objetividade, natureza-cultura, explicação-compreensão, etc. Neste debate, escolher um pólo dos dualismos significa necessariamente negar a relevância ou poder heurístico do outro.

É verdade que as origens dessa visão dicotômica da psicologia social são muito remotas e suas origens remontam às obras de Platão e Aristóteles e suas visões conflitantes a respeito do homem. Na contemporaneidade, essas concepções corresponderiam aos questionamentos acerca das relações entre o público e o privado ou entre o social e o individual. A adoção de uma dessas posições conduz a explicações mais centradas no meio social ou mais centradas nos indivíduos. No entanto, como refere Wilhem Doise (1982), não é necessário assumir uma posição ou escolha neste campo dilemático. Mesmo porque, assumir uma posição frente a estas dicotomias implica, de algum modo, na sua validação. Nessa perspectiva, definida pelo autor como *societal*, o campo específico da psicologia social é o campo da articulação de

níveis de análise, desde o intra-psíquico até o ideológico.

No Brasil, esse debate se revestiu de um caráter profundamente relacionado com tomadas de posições políticas. O que produziu uma psicologia social crítica e comprometida com as lutas sociais e, ao mesmo tempo, um tanto quanto maniqueísta e dicotomizada, sobretudo no que se refere aos aportes metodológicos. A este respeito, vale lembrar que a psicologia social começa a se desenvolver aqui por volta dos anos 60 do século XX, época das ditaduras militares latino-americanas. Junte-se a esse momento político o fato de que, nas suas origens, a psicologia social latino-americana sofreu uma grande influência dos psicólogos norte-americanos. É nesse contexto, que começa a surgir no continente sul americano a proposta de uma psicologia social fortemente engajada com as mudanças sociais, que seriam resultantes do empoderamento das classes populares.

As críticas feitas por esse movimento à psicologia social norte-americana podem ser resumidas na sua visão mecanicista e positivista de homem e na pouca relevância social dos temas estudados. Por outro lado, os psicólogos latino-americanos começavam a ter contato com as idéias de Leontiev, Luria e Vygotsky, cujas visões meta-teóricas se fundamentavam no materialismo histórico-dialético.

Hoje, passados quase quarenta anos, podemos dizer que esse debate ainda está presente na psicologia social brasileira. É claro que, na atualidade, ele se reveste de novos discursos, mas podemos perceber que ele se centra em duas concepções meta-teóricas de psicologia social.

A primeira dessas concepções tem como ponto de partida o lugar central ocupado pelo indivíduo e seus processos intra-psíquicos para a explicação dos fenômenos sociais. Essa concepção, denominada na atualidade de psicologia social psicológica, coloca a psicologia social como um ramo da psicologia geral. A segunda, denominada de psicologia social sociológica, tem suas origens no pensamento psicossocial presente na sociologia, e preconiza como objeto de estudo da psicologia social o "social". Dito em outros termos, na primeira, o social seria o adjetivo e na segunda, o social seria o próprio substantivo.

É claro que essa divisão é simplista, pois as diferenças entre as duas visões de psicologia social possuem muitos outros matizes, principalmente aqueles relacionados aos aspectos metodológicos.

E particularmente, no Brasil, esse debate se reveste de algumas características bastante peculiares. Assim, por exemplo, temos uma psicologia social fortemente engajada com os movimentos sociais, o que a aproximaria de uma psicologia social sociológica, mas que privilegia os aspectos da psiquê individual na explicação dos fenômenos sociais, o que a coloca muito mais próxima de uma psicologia social psicológica.

Além disso, no Brasil, esse debate centrou-se noutra falsa dicotomia entre metodologias e procedimentos

quantitativos versus metodologias e procedimentos qualitativos. Nesta visão, a psicologia social realmente engajada só faria uso dos segundos; uma vez que estes não implicariam um “assujeitamento” dos atores sociais, dos discursos e narrativas que os constituem, a moldes, formatações ou escalonamentos que essencializariam, naturalizariam e mesmo legitimariam as construções sociais. No outro extremo, mas ainda no campo da metodolatria, estariam aqueles que defendem a quantificação e consideram as pesquisas qualitativas como frouxas metodologicamente e sem validade (Bauer & Gaskell, 2004).

É nesse contexto que no último encontro da ANPEPP propusemos a formação de um grupo de trabalho que aglutinasse psicólogos sociais de diversas tradições teórico-metodológicas. A idéia deste grupo começou a tomar forma em 2004, com a publicação do livro *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*, organizado por Marcus Eugênio O. Lima e Marcos Emanuel Pereira, no qual a maioria dos membros teve um capítulo publicado. No ano seguinte, 2005, foi publicado o livro *A psicologia política na perspectiva psicossociológica: o estudo das atividades políticas*, organizado por Ana Raquel R. Torres, Marcus Eugênio de O. Lima e Joseli Bastos da Costa, no qual diversos membros do grupo tiveram um capítulo publicado. Tomados em conjunto, essas duas obras demonstram, primeiro, a importância da diversidade teórico-metodológica para a psicologia social e, em segundo lugar, a capacidade organizativa dos membros do grupo. Além disso, houve a organização de mesas-redondas no V Congresso Norte-Nordeste de Psicologia, realizado em Maceió, e no IX Congresso Espanhol de Sociologia, realizado em Barcelona. Essas mesas redondas possibilitaram também que os alunos dos membros do grupo interagissem, facilitando assim a criação de uma rede de pesquisa que envolve professores, alunos da pós-graduação e da graduação.

Objetivos e proposta de trabalho

Para o XII Encontro da ANPEPP, propomos a operacionalização do projeto de pesquisa que o grupo já vem discutindo há algum tempo e que incorpora cinco novos membros. A pergunta básica desse projeto é “o que nos torna a todos brasileiros, em que pesem as inúmeras diferenças que se espalham pelas diversas regiões do país?” Este é um problema recorrente e muitos tentaram responder a esta questão. Cientistas sociais, como Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Gilberto Freire, Oliveira Viana, Sergio Buarque de Holanda, José Honório Rodrigues e psicólogos sociais, como Dante Moreira Leite, desenvolveram e apresentaram teorias que, em última instância, procuravam oferecer uma resposta para esta questão, utilizando modelos teóricos de amplo alcance, que terminavam por homogeneizar a idéia do Brasil e dos brasileiros. Atualmente, a adoção de uma perspectiva integradora, que privilegie a diversidade, teórica e metodológica da psicologia social, dificilmente seria compatível com estas teorias de amplo alcance, sendo preferível buscar as respostas a partir da condução de uma série de pesquisas, de escopo limitado, regidas por um ideal metodológico pluralista. Deste modo, a presente proposta conjuga os esforços de psicólogos sociais oriundos de várias regiões do país em investigar este ente extraordinariamente complexo que é o brasileiro.

Produção

Atualmente, o grupo se encontra finalizando o manual de Psicologia Social, produto das discussões realizadas no XI Simpósio da ANPEPP. Esse manual será composto por 11 capítulos que fazem um estado da arte atualizado sobre as principais teorias da psicologia social, discute algumas das suas temáticas centrais e apresenta evidências empíricas do que tem sido produzido no Brasil sobre cada um dos temas abordados. Ele está organizado em três partes. Na Parte I, dois capítulos abordam as origens e a história da psicologia social e suas principais metodologias de pesquisa. Na Parte II, discute-se a construção do conhecimento da realidade social; esta parte possui quatro capítulos que analisam desde a cognição social até a teoria das representações sociais e a psicologia discursiva. Na terceira e última parte do livro, os cinco capítulos discutem as relações e processos sociais, enfocando a socialização, valores, relações intergrupos, preconceitos e violência social.

De modo mais específico, no capítulo 1, Leoncio Camino (UFPB), apresenta um histórico da psicologia social, com relevo para as metáforas fundadoras da disciplina. A este respeito, o autor discute o embate clássico entre Émile Durkheim e Gabriel Tarde sobre a anterioridade do social ou do indivíduo na constituição do fenômeno psicossocial. São analisadas ainda as teorias que concebem o sujeito social como ator ou que o concebem com agente (assujeitado). Na parte final do capítulo é conduzida uma análise histórica da psicologia social na América Latina e no Brasil, na qual se enfatiza, por um lado o rigor científico herdado do positivismo e, por outro, para o engajamento político, tributário das influências do materialismo dialético.

No capítulo 2, Leoncio Camino e Geraldo Alexandre Gomes (UFPB) delineiam as principais bases metodológicas da psicologia social, desde os estudos clássicos usando a experimentação rigorosa até as técnicas mais recentes de análise de discurso e outras metodologias mais qualitativas. São apresentadas as bases epistemológicas que condicionam as opções de pesquisa em psicologia social e analisada a dicotomização entre métodos qualitativos e quantitativos. Os autores apresentam em detalhes os procedimentos básicos de vários métodos e possibilidades de pesquisa em psicologia social.

No capítulo 3, Marcos Emanuel Pereira (UFBA) analisa o impacto do sistema de processamento da informação na percepção e cognição social. Este capítulo traz uma discussão conceitual da cognição social e de seus termos, procura sistematizar as metodologias de investigação e as perspectivas teóricas, analisando, dentre outras, as teorias da dissonância cognitiva e da atribuição da causalidade e as suas formulações mais recentes. São apresentados ainda estudos sobre a formação de impressões e as teorias implícitas da personalidade e sobre a categorização social.

No capítulo 4, Helmuth Krüger (UCP/UERJ) discorre sobre o tema das crenças, atitudes e ideologias. O autor procede a uma cuidadosa análise conceitual desses termos e de suas teorizações na psicologia social. Em linhas gerais, neste capítulo é estabelecida uma relação lógica entre esses três conceitos, apresentando-se em seguida resultados de estudos e pesquisas relativos ao assunto. Enfoca-se com destaque a importância atribuída à investigação dessas temáticas, tanto no nível de teorização quanto nas possibilidades de intervenção

social.

No capítulo 5, Antônio Marcos Chaves (UFBA) apresenta e discute questões fundamentais que se relacionam com a construção da teoria das representações sociais, tais como: 1) a sociogênese das representações sociais; 2) análise processual e estrutural; 3) a organização do campo representacional. O autor realiza ainda uma apresentação e análise das principais estratégias metodológicas, que têm sido desenvolvidas para o estudo das representações, tais como o método de análise das Redes Semânticas, análise quantitativa de dados textuais, análise das evocações livres, a rede associativa e as metodologias qualitativas.

No capítulo 6, Pedro de Oliveira Filho (UFPE), enfatizando a importância do chamado *giro do discurso* nas ciências sociais, discute as relações entre linguagem e discurso, por um lado, e alguns dos principais temas de interesse da psicologia, por outro. O autor apresenta e discute os pressupostos, conceitos, teorias e temas presentes em diferentes abordagens discursivas na psicologia e na psicologia social, procurando destacar as suas contribuições para o entendimento do papel de diferentes formas e conteúdos discursivos na produção de realidades psicológicas e sociais, de sujeitos, identidades e relações sociais.

No capítulo 7, Dalila Xavier de França (UFS) analisa o processo de socialização enquanto mecanismo de inserção dos indivíduos na sociedade e as implicações das crenças, dos valores e das práticas educativas maternas no processo de socialização de crianças. A autora discute as definições de socialização e apresenta os principais modelos de socialização. Aspectos fundamentais da socialização são também considerados, tais como a construção social do conceito de infância, a análise dos contextos de desenvolvimento, o papel das instituições sociais no processo de socialização, com destaque para a família, a escola, as relações com os e os meios de comunicação de massa.

No capítulo 8, Ana Raquel Rosas Torres (UCG) discute, adotando como ponto de partida uma revisão histórica, as principais teorias desenvolvidas no seio da psicologia que tratam das relações entre indivíduo e seus grupos de pertencimentos. A autora argumenta que, embora a psicologia contemporânea tenda a ter o indivíduo como centro de suas análises, ela não pode colocar o grupo como tendo um papel secundário na análise dos fenômenos sociais, pois corre o risco de desenvolver explicações extremamente reducionistas para fenômenos sociais complexos. Defende-se que, dada a importância teórica dos processos grupais, uma maior articulação entre psicologia social e a sociologia é fundamental para o desenvolvimento dessa disciplina.

No capítulo 9, Cícero Pereira faz uma detalhada revisão da literatura sobre a análise dos valores sociais. Inicialmente, o autor discute as definições de valores, destacando, no dissenso dessas definições, as diversas dicotomias que formam o espaço ocupado pela Psicologia Social nas Ciências Sociais. Em seguida, apresenta os principais paradigmas teórico-metodológicos de estudo dos valores desenvolvidos pela Psicologia Social e mostra como a oposição entre esses paradigmas representa os pólos das dimensões meta-teóricas que formam o espaço psicossociológico. De especial relevância é a discussão dos estudos realizados no Brasil sobre este tema e de como psicólogos sociais têm contribuído para a análise dos sistemas de valores da sociedade brasileira. Nas conclusões, destaca os valores como o elo que permite fazer a desejada *articulação societal*, necessária ao desenvolvimento da Psicologia Social.

No capítulo 10, Marcus Eugênio O. Lima (UFS) enfoca os processos de exclusão social, com destaque para as formas, modernas e arcaicas, do preconceito e do racismo. O autor apresenta um histórico da análise do preconceito e do racismo na psicologia e discute as principais definições do preconceito no bojo das principais perspectivas de análise do tema, para, em seguida, focar as teorias sobre as chamadas *novas expressões de preconceito e de racismo*. Na última parte do capítulo o leitor tem acesso a uma síntese das principais contribuições de pesquisadores sobre o preconceito e sobre o racismo contra vários grupos sociais no Brasil.

Finalmente, no Capítulo 11, Ana Lúcia Galinkin (UnB) e Jaques Gomes de Jesus (UnB), apresentam aos leitores as principais discussões teóricas sobre gênero e seu desenvolvimento na psicologia social. As autoras inicialmente apontam para a relevância de tais discussões sobre gênero para a compreensão das relações sociais, da construção das identidades e para o trabalho do psicólogo. Em seguida sistematizam algumas das mais importantes contribuições das ciências sociais para o entendimento da temática, com destaque para a construção histórica dos conceitos e perspectivas de análise do fenômeno.

Avaliação

O GT lançará mão de um amplo arsenal metodológico – pesquisas experimentais, observacionais e de auto-relato –, quantitativa e qualitativamente orientadas, assim como das mais diversificadas técnicas, tais como o uso de imagens, sons e vídeo para a obtenção de um retrato relativamente acurado e abrangente das semelhanças e diferenças que tornam ainda mais complexa a caracterização do brasileiro. Ressalte-se que essa proposta de projeto se coaduna com o livro que está sendo finalizado, uma vez que privilegia o diálogo entre diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.